

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE  
PROFESSOR ERASTO FONTES  
TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA  
DATA: 13/02/03  
TRANSCRITORA: ELZA GABRIELA GODINHO MIRANDA (ANPAE)

ENTREVISTADA: Professora Amábile  
DATA DA ENTREVISTA: 05/09/02

A – Amábile  
E – Erasto

“A - ... durante isso eu dei aula no escritório da Nova Cap.

E – Naquela primeira sala de aula que foi cedida pra ser a primeira turma, né?

A – A primeira turma, que foi na sala de reunião dos diretores.

E – Sei.

A – Aí tinha segunda-feira, terça-feira, quarta-feira...

E – *(risos)* E aí o seu filho mais velho foi considerado também o primeiro aluno, né? A primeira professora e mãe do primeiro aluno!

A – Tinha uma relação desses alunos, se eu descobrir eu ainda mando...

E – Tá, tá ótimo!

A – Descobrindo lá em Brasília eu mando pra você.

E – Tá bem.

A – Não sei se foi junto pro ministério e acabou...

E – Ham-ham.

A – Mas...

E – Professora, e a sua ida pra Brasília? Foi por que razão? A senhora foi pra lecionar, foi com família?

*Grata.*

A – Não, eu queria ir pra Brasília. Meu marido queria ir. Então, já tinha saído, ele não era o diretor da parte educacional. Ele era diretor administrativo. Mas era o único que ficava em Brasília. O projeto público que era <sup>para</sup> ~~era~~ <sup>as</sup> ~~pra~~ questões...

E – Na área de educação, de fusão cultural, coisa assim, né? *mas?*

A – Na área de educação, educação e pesquisa, médico e paciente também, saúde e educação. Mas ele... <sup>os</sup> Além disso, a idéia do governo não era ~~para~~ <sup>trazer</sup> trazer as famílias, eram só operários. Mas eles não conseguiram segurarem as famílias, as famílias foram. E os padres começaram a pressionar o Dr. Sayão, que era o que ficava, o diretor que ficava lá. Ele era diretor administrativo, ~~Administrativo foi a família dele.~~ Diretor Executivo. E ele então perguntou ~~pro~~ <sup>para</sup> meu marido: “Sua esposa é professora?” “É.” “Então vamos te empurrar ...”. *para o* *Meu marido respondeu:*

~~E – (risos)~~

~~A – E foi assim. (risos) As resoluções do Dr. Sayão eram todas muito efetivas. Ele resolvia na hora, mandava despacho, pra....~~

~~E – (risos)~~

~~A – E nós, ele me ajudou a montar essa escola. Tanto que ele era chamado professor também. Ele ajudou a montar a escola. No livro do Juscelino ele aparece como professor. Já viu o livro do Juscelino?~~

E – Já.

A – Ele aparece.

E – Daquela época também?

A – Hum, hum. Um branquinho.

E – E essa era a sala de aula dentro da...

A – Dentro, aí que vai...

E – Daquele prédio da Nova <sup>Cap</sup> ~~Cap~~, né? *ão e?*

A – Sem saber. Ia fazendo: levava uma professora, falava que ia ter aula, aonde ia colocar? Aí cederam a sala de reunião dos diretores. No dia que <sup>eu havia</sup> ~~tinha~~ reunião os meninos, os alunos saíam. (risos) A gente dispensava. E todo mundo se reunia.

E – Eram muitos meninos ou não?

A – Olha, chegamos a ter quase cem. Aí, <sup>viram</sup> ~~viu~~ que não cabia mais nos dois turnos, e <sup>pararam</sup> ~~parou~~. Parou e aí, rapidamente, o Júlia Kubitscheck foi inaugurado uns dois meses depois.

*pararam*

E – Quer dizer que até a construção do prédio da Escola Júlia Kubitscheck só tinha a turma da senhora?

A – Essa turma dentro do escritório da Nova Cap.

E – Sei. Mas havia também algumas escolas que eram construídas nos acampamentos de obras, não?

A – Não. Só tinha uma no Núcleo Bandeirante. Só no Núcleo Bandeirante.

E – Foi em que ano?

*em 1957*

A – Foi 57.

E – 57.

A – Hum, hum. Em abril de 57.

E – *Outro,* Que essas escolas da construção já foram de 58 *prá frente.*

A – *E daí* É aí, foi aí que a Santa era diretora e *que* coordenava toda *seus* escola. E lá no Núcleo Bandeirante é que *havia* tinha uma escola, colégio Batista.

E – Hum, hum.

A – Escola Batista, *Existente* No Núcleo Bandeirante. *Que tem* uma foto com uma professora dando aula embaixo da árvore.

E – Isso, embaixo *de uma* ~~duma~~ árvore.

*Profa.* A – E até pensavam que eu...

E – Aliás, a senhora é sempre referida como sendo essa professora *[risos]* Mas não é!

A – Lembra o nome dela?

Terceira Pessoa – Ela até teve uma reunião, *mas* não lembro o nome dela, não.

E – Alguma coisa parecida com Anair...

A – Isso, Anair!

Terceira Pessoa – Anair. E a mãe dela.....

E – Anair.

A – Anair. Ela morava em Taguatinga, *essa* professora.

E – Pois é. Então, ~~quer dizer~~, no seu percurso, a senhora iniciou nessa sala de aula, dentro do prédio da Nova Cap e depois, de lá a senhora foi para o Júlia Kubitschek?

A – Júlia Kubitschek.

E – Sei. Então a senhora fez parte daquele primeiro núcleo de professoras que atuaram na escola.

A – Nós éramos, começamos com quatro professoras

E – Sei. E há uma história <sup>referida a qual</sup> ~~que é contada também~~ de que no final, quando eram nove professoras, houve um rodízio, em que a ...

A – É. Quando cada mês um era diretor.

E – Diretor. A senhora chegou a experimentar (risos)?

A – Não cheguei ~~z~~, não! (risos) Não sou muito de chefia, não.

E – Não. (risos)

A – E aí, como acharam que não <sup>ta</sup> estava dando certo esse rodízio, foi feita uma escolha entre as professoras, e nós escolhemos ~~por~~ Santa, que era solteira, tinha disponibilidade. E a Santa foi ~~escolhida~~, foi a primeira diretora.

E – Mas isso depois de passar por um rodízio, né? <sup>assim</sup> <sup>é?</sup>

A – Depois de alguns meses.

E – Quer dizer que nem todas, então, quiseram atuar na...

A – Na direção.

E – Eu tinha entendido que todas tinham passado pela direção.

A – Não. Aí, Santa foi escolhida diretora e ficou, até ir <sup>com</sup> a Dona Helena Reis. Aí, tinha CASEB... <sup>achei ela lá</sup> <sup>daí</sup>

E – Isso, aí já é <sup>por volta de</sup> 60 ~~pra frente~~. Nessa função de diretora da escola Júlia Kubitschek ela tinha uma espécie de coordenação?

A – De Coordenação Pedagógica. De acampamento.

E – Das escolas que existiam, né? <sup>naí</sup>

A - Dos acampamentos, das instituições de Taguatinga. Ela coordenava essas escolas.

E – E de lá da Júlia Kubitschek, a senhora foi pra <sup>a</sup> Escola-Classe?

A – ~~Até nós fomos...~~ Não, antes das escolas-classe, funcionavam as escolas nas casas. <sup>Nós</sup> gente chamava Fundação da Casa Popular, que hoje é quadra...

Terceira Pessoa – Deve ser 712...

E – Setecentos...

A – É, devia ser ali...

Terceira Pessoa – Era..... Não, na época era quadra, não!.... Era quadra... era na trinta e dois, não era, não?

A – Isso, era trinta e três, trinta e dois. <sup>plavica</sup> Tinha as escolas, aliás, você já viu alguma casa lá perto?

E – Já.

A – Então, <sup>ocupava-se</sup> era ocupada a sala e um quarto. <sup>plavica</sup> Tinha duas salas. Nós funcionamos ali, algum tempo, <sup>depois</sup> tinha jardim de infância, tinha escola-classe. Eu dava aula <sup>a a</sup> pra terceira série nessa casa, até ~~o~~, até dezoito. <sup>depois</sup>

E – Foi a primeira a construir?

A – Antes do jardim de infância <sup>depois</sup> até vinte e um de abril.

E – Certo. E a Escola-Parque, ela foi construída depois?

A – Depois da 301.

E – Então quer dizer que a escola-parque só passou a funcionar depois que a escola-classe e o jardim de infância já estavam funcionando?

A – <sup>depois</sup> gente.....

E – E a senhora foi <sup>a a</sup> pra 308?

A – Fui <sup>a a</sup> pra 308.

E – A senhora lecionava pra... <sup>a</sup>

A – Lecionava <sup>a a</sup> pra, acho que primeira série, mas fiquei pouco tempo, depois fui ser vice-diretora na 108.

E – 108.

A – Fui ser vice-diretora da Lúvia.

E – Dona Lúvia.

A – É, com esse critério. Aí chegaram as professoras que fizeram concurso pelo...

E – Aquele concurso nacional, pelo INEC.

A – Pelo INEC, que acabou. Foi pelo INEC, então já existia o grupo de professoras que eram da Nova Cap. Então começou a ter rivalidade! (risos)

E – (risos)

A – O grupo falava, eles diziam que as professoras que estavam lá não eram concursadas. Aí começou a pegar rivalidade. Aí tinha a Dona Helena Reis, <sup>que colocava</sup> uma diretora que veio do grupo, que veio <sup>com o concurso</sup> e uma diretora, uma vice-diretora que não era de lá. <sup>da Nova Cap.</sup>

E – Se era da Nova Cap uma vice-diretora... (risos)

E – Essa idéia foi da Dona Helena?

A – Dona Helena Reis.

E – Da D. Helena, de colocar essas <sup>essas</sup> necessidades de pessoas da Nova Cap?

A – É, a gente, a Estela já era supervisora, <sup>de colocar</sup>

E – E a Sra. acha que foi feito assim por causa dessa rivalidade, pra tentar, eu acho...

A – Quebrar!

E – Quebrar essa rivalidade?

A – É, e foi pouco tempo, logo depois. ~~Acabou logo~~

E – Quantas professoras tinham mais ou menos nessa situação, da Nova Cap?

A – <sup>havia mais ou menos</sup> Tinham nos acampamentos, tinham as do jardim de infância, na 308, era um grupo bem que não era bem sem concurso. <sup>havia as que estavam</sup> Que as sem concurso foram só nós, as oito primeiras. E depois fomos nós que começamos a fazer o concurso pra <sup>outras</sup> que chegavam. E era um concurso até puxado, <sup>que</sup> elas ficavam dando aula lá, cinco dias dando aula. Tinha...

E – A senhora podia contar um pouquinho, dessa experiência, da seleção, como era feita?

A – Olha, eram aulas práticas. Então <sup>havia</sup> tinha o grupo que examinava, e as professoras davam aula, e as que estavam examinando, duas, três, cada uma numa matéria, e nesse tempo, já o Dr. Ernesto já tinha assumido, logo no Júlia Kubitscheck, <sup>foi</sup> acho que só na minha vinda <sup>que</sup> foi que ele não participou de tudo (risos). Então era isso, um exame desse tipo, exame

prático. Fazer <sup>9a</sup> um plano de aula, dava ~~a~~ aula e fazia uma avaliação. E ~~tinha~~ <sup>havia</sup> um grupo que fazia a avaliação.

E – Isso durante cinco dias?

A – Isso durante cinco dias. Depois, era um exame feito pelo comportamento.

E – Ham-ham. Que interessante! Quer dizer que era uma prova de fogo, né? <sup>mas</sup> (risos)

A – Era uma prova de fogo! Não era todo mundo que passava, não! (risos)

E – Ah, <sup>havia</sup> tinha casos de gente ~~que não era~~ aproveitada?

\* A – <sup>Havia</sup> Tinha casos <sup>em</sup> que não era aproveitada, não. Que depois já tava chegando muita gente pra fazer. Depois, quando vieram em fevereiro que o concurso foi no Brasil todo já veio um grupo grande. Agora isso que eu estou falando é do primeiro grau. Até aí .... (inaudível)

E – Hum-hum.

A – Então, já não tinha...

E – Tá certo. <sup>Então</sup> Depois ~~com~~ a construção da escola Parque, <sup>que aí foi a D. Estela</sup> ~~que~~ assumiu a direção, não é? A primeira diretora daquele núcleo da 308, 108, e mais a escola-parque.

A – É, a <sup>professora</sup> Estela era a supervisora.

E – Isso, aí ela assumia, a diretora da Escola Parque assumia uma função de coordenação dessas escolas, se eu entendi bem?

A – <sup>Havia</sup> Tinha a diretora da escola-parque. <sup>E</sup> Ela era supervisora da escola-parque e das escolas-classe.

E – Ah, tá!

A – (inaudível)

E – A supervisora da escola-parque assumia, também, a supervisão das outras escolas coligadas, né?

A – É, ela era supervisora da escola-parque e das escolas... <sup>mas é</sup>

E – Que faziam parte daquele grupo.

A – Daquele grupo.

E – E a parte assim, de orientação pedagógica? Porque <sup>nos</sup> a gente <sup>nos</sup> sabe que o professor Anísio Teixeira foi quem ~~botou~~ <sup>trouxo</sup> essa idéia, que veio da Bahia, de experiência com escolas-parque...

A – Foi, realmente. Nós tivemos um mês lá na Bahia, nós tivemos lá, Estela, Santa, a Maria Helena Parreira, um grupo de onze pessoas. Nós ficamos um mês lá na Bahia fazendo estágio ~~pra~~ <sup>ps</sup> pro funcionamento da escola <sup>ps</sup> parque. <sup>A a</sup> Era tudo isso o plano dele, né. <sup>mas é?</sup>  
~~para o~~ ~~consistia~~

E – Sei. E esse estágio era assim, uma participação de observação ou vocês atuavam também na escola?

A – Não, de observação.

E – Só de observação, né. <sup>mas é?</sup>

A – Quando estivemos lá, a diretora, era irmã dele.

E – E ele teve, assim, uma influência na questão da concepção pedagógica também, do currículo, dos conteúdos de ensino?

A – Não, não, não. Aí, não.

E – Ele não tinha influência <sup>neste</sup> nisso não, né?

A – Não. Em plano de ensino... Não, <sup>havia</sup> tinha um plano de escola pública... <sup>depois</sup> tinha implantado a parte de orientação. Aí tinha o grupo de orientadoras, tinha o grupo de supervisoras, já... <sup>havia sido</sup>

E – A questão da direção das escolas. A <sup>depois</sup> Srá. tocou nessa questão de que houve uma iniciativa de juntar professores do grupo da Nova Cap <sup>com</sup> mais professores concursados. Mas <sup>teve</sup> alguma maneira assim, de escolher os diretores, algum mecanismo de escolha de diretores?

A – No início, <sup>teve</sup> teve uma época que houve <sup>concurso</sup> concurso.

E – Específico <sup>a</sup> pra diretores?

A – <sup>Específico</sup> De diretor. Eu mesma fiz o concurso <sup>a</sup> pra diretora. A Alízia fez o concurso de diretora. Ela não falou?

E – Falou.

A – Ela já era diretora, mas quis fazer o concurso. Aliás, de diretora ela <sup>foi</sup> ~~foi~~ <sup>passou a</sup> aluna. Então, teve um, <sup>curso</sup> mas foi formação. Foi feito o curso, mas não agradou muito aos críticos, não. ~~(risos)~~ Foi feito um enquadramento como diretor, e por falta de recurso, depois...

E – Aí depois passou a ser uma indicação ~~mesmo~~ dos responsáveis da Secretaria?

A – Indicação. <sup>teve</sup> Teve uma época de indicação, depois, ~~teve~~ <sup>teve</sup> uma época de concurso. Aí, voltou <sup>se</sup> à indicação.



E – Hum, hum. A questão das condições que o professor tinha à época. Porque a gente sabe <sup>nós</sup> Brasília em construção era uma cidade  ~~muito~~ <sup>mas é?</sup> inóspita, né? <sup>mas fize</sup> Muita dificuldade de locomoção, moradia...

A – É. No início, nós moramos num hotel no Núcleo Bandeirante. E não tinha condução. Tinha um ônibus que fazia uma volta, quebrava e ficava três dias sem funcionar. (risos)

E – (risos)

A – Mas, existia a carona. <sup>Porque, naquela época, particularmente</sup> que todo mundo dava carona, então... <sup>Principalmente eu, nunca</sup> tive, com filhos, ia passando: “Professora, tá indo pra lá?” “Tô, tô.” Então, ia de caminhão, (risos) de jipe...

E – Do Núcleo Bandeirante pra lá, pra... <sup>↓ dificuldade, ainda mais com filhos... ia passando:</sup>

A – Do Núcleo Bandeirante <sup>pra</sup> NovaCap. Aí era caminhão, era jipe, a gente nunca conseguia fazer a rota todinha a pé. Às vezes a gente saía a pé, né. <sup>Até que meu marido era</sup> funcionário; aí tinha um jipe, era o jipe da NovaCap, e fazia o percurso de jipe. Mas até então, era carona mesmo. Era a instituição da carona. Era uma instituição em Brasília. <sup>torou-se</sup>

E – Isso porque a Dona Santa tinha um jipe também, que ela dirigia pessoalmente, né? <sup>mas é?</sup>

A – Tinha?

E – Não?

A – Não!

E – <sup>A</sup> Dona Alípia me disse que no primeiro dia <sup>que</sup> ela chegou, a D. Santa <sup>fez</sup> foi buscá-la pra levar na escola! (risos)

A – Ela dirigiu? Tinha motorista da NovaCap, tinha motorista. E agora, mas aí, já existiam várias escolas.

E – E os alunos dessas primeiras escolas?

A – <sup>Havia</sup> Tinham filhos de operários, de engenheiros, de todos os moradores dali.

E – Era uma escola que reunia então realmente, democraticamente, todos os grupos?

A – Todos os grupos. Não <sup>havia</sup> tinha separação.

E – Não <sup>havia</sup> tinha essa separação que hoje a gente vê em escolas de gente rica e escolas de gente pobre.

A – Eu tive aluno índio, eu tive aluno grego, espanhol, gente que mal sabia <sup>e</sup> aprendendo a falar português. Tinha um índio mesmo, que o pai <sup>e</sup> saíam pra pegar cobra, e o Instituto

Butantã mandou combater, aí tiveram que tomar remédio, porque ele pegava a cobra, mas ele matava a cobra e depois comia!

E – Nossa!

A – Era índio mesmo! Então, se gerou, assim – esse <sup>E</sup> eu esqueci o nome dele, esse indiozinho. Então era democrático. Porque tinha engenheiro, tinha operário, todo mundo estudava no Júlia Kubitschek, dos acampamentos também. Até que surgiram as escolas particulares, mas <sup>eram</sup> tinha tão pouco <sup>alunos</sup> que a <sup>F</sup> Fundação, <sup>por</sup> que já existia a Fundação Educacional, ~~ela~~ alugava sala nas escolas particulares e ~~tinha~~ e conseguia conciliar. Então Alugava sala das escolas particulares.

E – Essa ~~forma~~ <sup>de</sup> mistura das pessoas permaneceu nas escolas ~~Classe~~ também? Que foram constituídas?

A – Também.

E – Também, ~~ne~~. Eram filhos de funcionários, porteiros, empregados...

A – A escola particular demorou a crescer em Brasília. Realmente a escola pública era boa.

E – Nessa época, o sistema de escola-parque, com as escolas-classe, pelo menos no início, quando elas funcionaram, procuravam ~~garantir~~ garantir o tempo integral dos estudantes, ~~ne~~? Que aspectos positivos a senhora vê nesse sistema? <sup>mas?</sup>

A – Olha, eu acho que o aluno ganhava muito nessa parte de artes, de educação física, a parte de esporte toda era dada na escola-parque. Os alunos faziam os deveres também, da escola-classe, ~~eles faziam~~. <sup>A E F</sup>

E – Um tempo de estudo, também.

A – Lá ~~tinha~~ <sup>estudava</sup>.

E – Havia alguém acompanhando ou eles estudavam sozinhos?

A – Não, <sup>havia</sup> tinha professores.

E – Pessoas que acompanhavam. . .

A – Tinha grupo de teatro, ~~tinha~~ <sup>havia</sup>... Depois de pouco tempo, quando cresceram as escolas, eles não ficavam quatro horas, ficavam duas horas na Escola-Parque. Em nome disso, passaram só <sup>pra</sup> duas horas.

E – <sup>a</sup> Pra poder suportar toda a população.

A – Quando cresceu.

E – A senhora vê algum aspecto negativo dessa integração da escola-parque com a escola-classe?

A – Acho que não.

E – É uma pena que isso não tenha se expandido, né? *Sei?*

A – Eram muitos, os alunos, tinham pessoas com as outras escolas das outras quadras também, né. Praticamente cada qual com a sua escola.

E – Esse esquema de preparação dos professores, que a senhora teve a oportunidade de participar, indo lá pra Salvador, isso permaneceu depois, com o aumento do corpo docente?

A – Não.

E – Com a integração já dos professores concursados?

A – Não, aí pra Salvador não, eles iam pra Belo Horizonte.

E – Mas existia uma política de preparação...

A – Isso.

E – Capacitação...

A – Os orientadores que vieram pra orientar as escolas, eles fizeram os cursos em Belo Horizonte. Foram alguns pro Rio Grande do Sul, mas só alguns, mais pra Belo Horizonte. É IUPI, né? *Alguns foram*

E – CECRIEP, né? É um centro ligado ao EMED, né. Já na época da D. Santa, que ela veio parece, D. Santa, não! Perdão! D. Helena, que ela teve uma influência muito forte, nesse sistema mineiro. *A maioria foi para*

A – Mineiro, então, foi o que ela fez lá.

E – E o trabalho, assim, do professor, independente da regência na sala de aula, vocês tinham um tempo remunerado, além da sala de aula, pra poder estudar, se preparar, preparar as aulas? Ou vocês pegavam dois turnos de aula?

A – Olha, na Nova Cap, nós chegamos a pegar dois turnos. Pegava turno de quatro horas e dava aula de artes à tarde, mas foi pouco tempo. Depois não, depois tinha um horário de orientação, porque os que fizeram curso fora eles davam orientação, aí, os professores tinham orientação. E não era remunerado pra eles, não. *recebiam* *por* *havia remuneração*

E – Ah, quer dizer que eles davam aula, por exemplo, em um turno de manhã...

A – E tinha orientação.

E - Retornavam à tarde, <sup>o</sup> pra ter orientação, mas não recebiam por isso.

A - Não.

E - Nem os orientadores?

A - Ah, os orientadores, sim.

E - (risos) Aí também já é demais!

A - Os orientadores <sup>do mesmo</sup> tinham um grupo que trabalhava na sede. Eles não davam aula. Os orientadores só ficavam, <sup>na sala</sup> tinha os que <sup>elaboravam</sup> faziam currículo, e depois orientava a aplicação do currículo.

E - A sede a que a senhora está se referindo é a CASEB ou já é a Fundação Educacional? Já era na sede da Fundação?

A - Que funcionou no início, naquelas casas da W3.

E - Sei. Aquele prédio grande que <sup>existia</sup> tem ali na Asa Norte, já foi bem depois, então?

A - ~~Hamburgo~~. Foi bem depois. Ali já passou a ser prédio da Selmira Belquiazer, antes da Selmira <sup>foi prédio</sup>, foi feito o Buriti, o Palácio do Buriti, <sup>construído</sup> não com aquele <sup>chamada</sup>.

E - Há uma referência também a uma professora, se não me engano, Nair, que era do MEC. Parece que ela foi até a primeira esposa do Dr. Ernesto?

A - Nair Durão.

E - Nair Durão. Que era uma pessoa que também <sup>de incumbência de</sup> fazia uma orientação pedagógica, <sup>mas é?</sup> né?

A - É, eu tinha muito <sup>travese</sup> contato com ela. Porque era importante que <sup>travese</sup> tinha contato com a Nair. Isso foi antes do início, na CASEB.

E - <sup>Existe</sup> Tem alguma coisa que a <sup>senhora</sup> Srá. ache que seria interessante contar, que eu não tenham perguntado, alguma coisa curiosa que a <sup>senhora</sup> Srá. tenha vivido na sua experiência de professora, ou de diretora?

A - A minha experiência de diretora não foi muito grande, não. Teve um enfoque em Sobradinho. Eu acho que foi uma oportunidade, eu acho que eu me sentia mais útil, porque era uma região muito pobre, as famílias de lá era <sup>me de</sup> uma pobreza muito grande, greve todo dia. Então <sup>foi</sup> era uma experiência bem, mas foi a minha experiência de escola. Depois de lá, eu fui <sup>à</sup> pra Assessoria da Fundação, e meu tempo de escola não foi muito grande. Acho que foi um ano trabalhando em Sobradinho como diretora.

E - Nessa assessoria a <sup>senhora</sup> Srá. foi trabalhar com a <sup>dona</sup> D. Helena?

A – Isso...(inaudível)

E – E durante toda a sua carreira permaneceu nessa condição, na assessoria?

A – (inaudível)

E – A Sra. pegou o tempo então da professora Estela, na direção de pedagogia?

A – Depois que ela foi diretora pedagógica é que foi quando eu me aproximei da...

E – Já no início de 80?

A – ~~era do~~ Rosário, D. Maria Helena,.... Maria Helena também, veio com essa turma da Anita.

E – Pois é. A Sra. lembra pra gente de algum nome? A Sra. lembrou Maria do Rosário, Maria de Lourdes Moreira dos Santos, Maria de Lourdes Brandão, Maria Melo... Alguém que a Sra. ache que a gente deva procurar pra ter alguma informação boa?

A – ...

E – Então é isso mesmo. E com a D. Lívia, a Sra. chegou a conviver com ela?

A – Já, mas não tão a fundo. Mais distante. Lá dentro do grupo mesmo.

E – Parece que a Sra. ficou um tempo em Taguatinga, também?

A – Foi, fui diretora em Taguatinga... É, essas que moram, eu acho que moram em Brasília ainda.

E – Certo professora. Eu agradeço, imensamente a paciência de deixar a gente ouvi-la...(risos)

A – Eu sei que eu não sou de muita contribuição, não. Porque eu não tenho memória boa.

E – A senhora é quem pensa! (risos)

A – (risos) Eu não sei.

E – Eu espero poder terminar mais rapidamente possível pra passar pra senhora o material.

A – Vocês estão tentando terminar esse trabalho, fazer esse trabalho até quando?

E – Isso depende muito das possibilidades que a gente tem de conseguir com quem a gente fazer o contato. Eu creio que com mais umas quatro ou cinco pessoas que a gente consiga fechar umas informações, a gente já possa começar a redigir um material de relembração dessa época. Pegar também um material com fotografias. Nossos alunos do curso de

Pedagogia têm feito um trabalho de recuperação desses materiais. <sup>Nós</sup> A gente quer <sup>nos reunir</sup> juntar todos esses materiais <sup>associando</sup> com os depoimentos que <sup>estamos</sup> a gente tá colhendo e aí redigir uma espécie de relatório.

A – Reneste Muralha... (?)

E – Reneste Muralha, <sup>f</sup> já ouvi falar muito...

A – Participou muito ativamente.

E – Todas estas são <sup>anteriores</sup> de antes do concurso?

A – Não.

E – Do concurso, são só essas três. Essas aqui da NovaCap, aqui já do concurso.

A – Olinda, <sup>se</sup> conseguirem falar com Olinda. <sup>da</sup> NovaCap também. Talvez a Santa tenha alguma informação <sup>de</sup> dela.

E – Uma coisa que eu peço <sup>para</sup> a Sra. é que, a Sra. tem contato com a D. Santa, fale <sup>da</sup> gente pra ver se <sup>conseguir</sup> conversar com ela. <sup>de</sup> agora

A – Consegue, porque a Santa gosta tanto de conversar... <sup>ela</sup>

E – (risos)

A – A não ser que ela esteja adoentada...

E – É, eu tenho a impressão <sup>de</sup> que os familiares <sup>de</sup> tão protegendo <sup>ela</sup>. Talvez ela esteja doente...

A – É, eu estive lá agora e não falei com ela.

E – Professora, <sup>eu</sup> a gente, às vezes, <sup>fica</sup> muito aborrecido porque parece que <sup>às</sup> vezes vão conversar, pegam o material <sup>assim</sup>, depois não devolvem...

A – É, eu mesma dei muito material, <sup>aquele</sup> senhor, tem muito livro dele aqui em Brasília.

E – Fabrício? É, tem uma listagem lá em Brasília, <sup>que</sup> é Fabrício Silva, <sup>parece</sup>. Tem um livro sobre os pioneiros, uma relação de todos eles.

A – Isso. Eu dei muito material <sup>pra</sup> ele, e nunca mais devolveu.

E – Isso é que é uma coisa muito <sup>chata</sup>.

A – Teve muita foto, um material <sup>grande</sup> pra ele, pra esse livro dos pioneiros. <sup>volumoso</sup>

E – Sei. A D. Estela também, parece<sup>dois</sup> tava colecionando um bom material<sup>dois</sup> que ela pretendia escrever um livro do início do sistema. Mas não sei como ficou.

A – Ela tinha todo um...

E – Mas tinha que esperar. Pra senhora ter idéia, eu tava me preparando pra fazer uma entrevista com ela. Em uma semana, ela faleceu.

A – Nem cheguei a ser avisada...

E – Não, foi coisa repentina, mesmo! Professora também da faculdade. A gente até fez uma homenagem pra ela, lá.

A – Ela não estava mais como diretora?

E – Tava. Tava como diretora da Faculdade Euro-Americana.

A – Euro-Americana?

E – É, lá no finalzinho da Asa-Sul. Tá bem professora, então é isso! Agradeço, viu? Espero com essas informações a gente não esquecer do que é importante! (risos)

A – Contribuir como?

E – Pode ter certeza disso!

(interrupção)

A - ...E isso sem o Sayão primeiro saber.

E – Qual escola?

A – A Júlia Kubitschek, porque ele não queria nada com... A escola foi feita praticamente sem o seu consentimento.

E – É mesmo?

A – É. Foi feito como se fosse outra coisa e quando ele viu, a escola tava pronta.

E – Olha só!

A – Você tem aquela revista da inauguração? Aquelas revistas da NovaCap?

E – A NovaCap tem uma coleção no Arquivo Público Federal que a gente conseguiu recuperar.

A – É, da inauguração. Lá na inauguração, foi eu e a Maria de Lourdes Brandão.

E – Naquela fotografia?

A – É, naquela que tinha uma escada... Fui eu e a Maria de Lourdes.

E – E, aliás, <sup>como era</sup> o contato com o Juscelino? Havia alguma relação dele com os professores?

A – Olha uma vez nós fomos, eu até brinco que foi muito atrevimento. Nós fomos lá umas seis professoras ou oito professoras pra pedir aumento de ordenado.

E – (risos) Vai direto no chefe, né?

A – (risos) Direto no chefe. Ele nos recebeu muito bem, de chinelo, bateu aquele papo. Meu filho estava, o Moisés, e ele perguntou <sup>para</sup> Moisés de onde ele era, ele falou: “De Rio Verde”. Ele disse: “Olha, a minha campanha <sup>para</sup> ia iniciar em Rio Verde. Não começou em Rio Verde por causa da chuva. Porque ela começou a cair”. Ai foi feita aquela pergunta, célebre pergunta, do <sup>que</sup> que ele ia fazer daquela <sup>constituição</sup>. Ele falou: “Vou cumpri-la, né?” Então, ele bateu aquele papão, de que não tinha de onde cair o dinheiro, mas que ele ia conversar. Ficamos muito felizes, satisfeitas, mas o aumento não foi dado! (riso)

E – Não foi dado. Não adiantou.

A – Porque a gente ganhava menos que os operários, que trabalhavam como horistas. É porque eles trabalhavam como horistas, e, no final, <sup>ganhava</sup> mais que um professor, que tinha um ordenado fixo. E então, como professor, <sup>todo</sup> lugar o professor ganhava menos. Ele não podia aumentar porque ia desestruturar o sistema de Minas e Goiás, que eram os que mais forneciam professores. Ele não podia aumentar o honorário. E aqueles que <sup>se</sup> chamavam horistas ganhavam mais que um professor.

E – Mas não havia um sistema de remuneração em dobro, <sup>pra</sup> quem vinha pra Brasília?

A – Não, houve uma promessa.

E – Que não chegou a acontecer, né? Parece que <sup>para os</sup> pros funcionários públicos federais eu acho que chegou, nos <sup>ministérios</sup>.

A – Isso. Na Nova <sup>cap</sup>, nós não éramos nem contratados como professor, mas faziam um contrato <sup>pra</sup> que ele não soubesse. Ele não queria, porque ele não queria que viessem os pais, a família. Vinha só os operários. Ele não conseguiu segurar, né?

E – Mas os operários têm família...

A – O diretor, <sup>para os</sup> vinha de durão. Puxava e eles voltavam <sup>para os</sup> pros seus lugares, né?

E – Quer dizer que o Israel Primeiro era visto na escola. (risos) Aliás, tem uma referência do Professor Darcy Ribeiro sobre a Universidade de Brasília, <sup>que</sup> ele diz que o Israel Primeiro de fato não queria fábricas, e não queria universidades em Brasília. Ele tinha medo do movimento de operários e de estudantes. Não queria confusão, não! (risos)



A – A escola mesmo foi feita sem que ele soubesse que era escola. Foi feita como se fosse uma construção qualquer.

E – Quando ele viu...

A – Quando ele viu já tava inaugurando a escola! (risos)

Terceira Pessoa – Quem ~~que~~ projetou a escola?

A – Olha, a planta foi ~~por~~ Niemayer. A construção foi feita com o Niemayer fazendo o acompanhamento, não sei se a MMVarga, não me lembro mais qual ~~que~~ foi.

Terceira Pessoa – Não sei se o senhor toma com açúcar ou adoçante?

E – <sup>a</sup> Pra mim adoçante.

Terceira Pessoa – Sem açúcar, sem adoçante?! (risos)

A – Deixa ele colocar, às vezes gosta de menos, gosta mais...

Terceira Pessoa – (inaudível)

E – (risos) Obrigado.

(FIM)